

# MORGAN

## UM CASO PARA TRATAMENTO

um filme de Karel Reisz

com David Warner, Vanessa Redgrave, Robert Stephens, Irene Handl, Bernard Bresslaw

Cópia Digital Restaurada | *Morgan – A Suitable Case for Treatment* | Reino Unido | 1966 | 97' | P&B | M/12

*Festival de Cannes 1966 – Melhor Actriz (Vanessa Redgrave)*

Morgan Delt (David Warner) é um artista falhado com uma educação comunista. A sua esposa, Leonie (Vanessa Redgrave), uma mulher de classe alta, abandonou-o e deu início a um processo de divórcio de modo a poder casar-se com Charles Napier (Robert Stephens), um galerista do seu estatuto social. Preso no seu próprio mundo de fantasia, Morgan cai na loucura e leva a cabo uma bizarra campanha de reconquista do amor de Leonie. O filme que tornou David Warner e Vanessa Redgrave estrelas do dia para a noite, *Morgan* é uma comédia clássica que prova que o amor é eterno, a sanidade é relativa e que nada é mais perigoso do que um homem de coração partido num fato de gorila.

«As pressões que um cineasta sofre para se conformar em nome do sucesso de bilheteira são sempre enormes quando se faz filmes comerciais. Na Grã-Bretanha, no entanto, o cineasta está mais vulnerável do que noutras partes do mundo à conta da pressão de certas forças conservadoras. [...] Por isso, depois do que foi amplamente visto como o falhanço de *Night Must Fall* (1964), era bastante ousado para Reisz fazer, dois anos depois, um filme tão invulgar que parecia completamente antagónico às convenções do sucesso de bilheteira. Tratava-se de *Morgan!*, uma comédia intensa inspirada pelo tema da loucura. [...]



Para surpresa de muitos, *Morgan!* tornou-se muito popular. Na verdade, transformou-se numa espécie de filme de culto entre os jovens. O que havia no filme que despertasse neles tanto fascínio? Os elementos mais óbvios é a personagem principal, que eles adoravam, e o que o espírito do filme defendia. Os bons filmes não são feitos num vácuo, e *Morgan!* é arquetípico do seu tempo, os anos sessenta. Na Grã-Bretanha, estávamos na era dos Beatles, dos hippies e da rebelião de toda a juventude. O filme reflecte esta atmosfera, e a sua personagem principal personifica muitas das suas crenças, por mais excêntricas, ingénuas ou sentimentais que pudessem ser. Morgan era um inconformista, um sonhador, um anarquista romântico em conflito com a sociedade convencional. Para os jovens, ele aparentava ser um deles. Que ele acabasse mesmo por ficar louco, no fim, não parecia perturbá-los porque Morgan parecia feliz nesse estado, e talvez também porque renegar à sanidade não parecia exactamente uma solução irónica, mas antes uma forma engenhosa de escapar aos constrangimentos da sociedade.

Neste contexto, compreende-se a afirmação de Alex Walker de que *Morgan!* foi 'provavelmente o primeiro filme de protesto social a ser adoptado pela geração pós-Porter, os adolescentes que tinham sido crianças em 1959. E, neste sentido, foi um filme profético. Foi uma das primeiras aparições no cinema comercial do miúdo que se sente um excluído' e que, consequentemente, decide simplesmente 'baldar-se'. Evidentemente, o filme não era tão popular assim junto de determinado público precisamente por causa de tal protagonista. Isto era especialmente verdade com respeito a um público de cinema mais velho, mas não se limitava a ele. Qualquer pessoa que antipatizasse com o momento que se vivia, ou com a cultura jovem, provavelmente antipatizaria com *Morgan!* e talvez até o detestasse, porque era o tipo de filme que naturalmente inspiraria reacções muito fortes fosse de que forma fosse.»

Georg Gaston in *Twayne's Theatrical Arts Series: Karel Reisz*  
(ed. Twayne Publishers, 1980)



«Não havia certamente qualquer indício de que [o cinema] viria a ser o meu futuro. Estudei direito porque era filho de pessoas de classe-média. Não queria tornar-me médico porque era sensível e, por isso, tornei-me advogado. Devia ter estudado história mas tive um professor terrível que arrasou o meu interesse. Entretanto, participava nas peças da escola. Devo ter conhecido o Lindsay [Anderson] em 1960. Conheci-o em privado porque fui passar férias com a família de um amigo em Maiorca. [O actor] Daniel Massey também estava lá e o Lindsay estava a tentar convencê-lo a entrar no *Serjeant Musgrave's Dance*. O Lindsay era uma pessoa fascinante, mas por essa altura eu começava a interessar-me pelas peças do Royal Court e pelo New British Cinema. Era uma época extraordinária para ser jovem.

Devia ter cerca de dezoito anos quando conheci o Lindsay. Depois fui para Cambridge [...] e tornei-me um jovem intelectual, cheio de motivação. Frequentava a minha licenciatura e o cinema era parte da nossa linguagem de um modo que hoje já não acontece. Tínhamos discussões intermináveis sobre o *L'avventura* ou sobre o *Hiroshima, mon amour*. Recordo-me de levar uma miúda a ver o *Rocco e Seus Irmãos*. Vi o *Disparem Sobre o Pianista* e o *Jules e Jim*. Com os filmes britânicos, percebia-se que algo de novo se estava a passar. [...] O cinema começava a falar sobre um mundo que eu conhecia e que me interessava, em vez de ser sobre o Kenneth More. [...] Tinha começado a conviver com as pessoas do [teatro] Court, em Londres. Tudo me parecia tão interessante, tão vívido. Nunca tinha visto o *O Dreamland*. O meu interesse era no Court e rapidamente se alastrou para os filmes que as pessoas do Court faziam e que tinham sido feitas a partir de peças do Court – tudo aquilo que viria a ser conhecido como 'kitchen sink'.



[...] Desisti de direito e comecei a trabalhar no Court. Depois conheci o Karel Reisz. Ele veio fazer uma peça. Conhecê-lo foi o momento que verdadeiramente mudou a minha vida. Ele veio fazer uma peça e o Lindsay disse, 'ah, devias chamar o Stephen', e eu ia começar a trabalhar na peça. Mas depois ele não arranjou um elenco para a peça, ou algo assim, e a peça colapsou. Foi então que o Karel me disse, 'é melhor vires trabalhar no meu filme', que era o *Morgan: Um Caso para Tratamento*. Fui trabalhar no filme. Nunca tinha estado nas rodagens de um filme. Betsy, a sua viúva, conta que um dia ele chegou a casa e lhe falou de um rapaz brilhante que iria ser seu assistente. Não sei porque terá dito isso. Mas esse foi um momento de epifania – mais do que qualquer outro.

O Karel era um homem maravilhoso, um ser humano fantástico, elegante e empático. [...] A verdade é que me lembro de muito pouco acerca desse período para além de que a minha mente era uma confusão. Tudo o que eu queria era descobrir quem eu era e o que ia fazer. [...] Tinha sido rejeitado pela [empresa de televisão] Granada porque não era suficientemente bom. [...] Por isso, o Royal Court foi a minha escola. Em retrospectiva, penso que passei por um processo de aprendizagem à moda antiga. Era uma espécie de criança de ouro. Fui muito privilegiado. Estava totalmente afeiçoado a estes homens. Como um aprendiz de Michelangelo. O Lindsay e o Karel mudaram a minha vida. Ninguém vai acreditar em mim, mas foi uma verdadeira surpresa ter começado a fazer filmes.»

Stephen Frears in *Screen Epiphanies: Filmmakers on the Films that Inspired Them* (ed. BFI/Palgrave Macmillan, 2009)